

ENTRE O BOM SENSO E O DESCONHECIDO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

5.11.1989

No mercado financeiro, a especulação; no mercado político, a irresponsabilidade. Definitivamente os dias ensolarados da primavera abrigam momentos dramáticos para a nação brasileira. Somos todos obrigados a viver o nosso dia a dia. Como se tudo fosse normal. Mas, na verdade, nada está normal. A inflação aproximando-se dos 40 por cento ao mês é um quotidiano insuportável; a especulação no mercado do dólar paralelo é um escândalo; e a tendência tanto do eleitorado que apóia quanto - paradoxalmente - do que se opõe a Collor de Mello para favorecer sua eleição é uma irresponsável aposta no escuro. O único sinal de bom senso neste panorama sombrio é a notícia de que afinal Mário Covas passou a crescer mais do que os demais candidatos nas prévias eleitorais.

O ataque contra a moeda nacional a partir da especulação desenfreada no mercado do dólar paralelo aproxima o país da hiperinflação. Todos os pretextos são bons para os especuladores. Um dos últimos foi o do "efeito estrela" - ou seja, o medo de que Lula seja eleito. Na verdade toda esta especulação só tem uma base na realidade: o fato de que a taxa de câmbio oficial está um pouco atrasada. Muito menos, naturalmente, do que dizem os exportadores. A outra "base" para a especulação é o medo de uma moratória interna. Mas esta é na verdade uma grande ficção. A dívida interna brasileira é pequena para justificar qualquer medida dramática nessa área.

O problema não é o que vai acontecer agora com a economia brasileira. O mais provável é que esse ataque especulativo acabe causando amplos prejuízos para os especuladores amadores, vítimas da paranóia coletiva que os leva a pagar ágios inteiramente irreais pelo dólar paralelo. O problema é depois de 15 de março. É saber como - com que vigor, com que determinação e coragem - o novo presidente vai enfrentar a crise brasileira e lograr a estabilização necessária.

A eleição ainda não está definida. Mas a proximidade do dia 15 nos diz que chegamos ao último momento para que o eleitorado assuma a gravidade da situação e eleja um candidato sobre o qual seja legítima a previsão de que poderá enfrentar com firmeza a crise econômica. Um candidato que tenha uma história pessoal, um

programa e uma equipe que proporcionem razoável segurança aos brasileiros de que ele será capaz de fazer frente à crise.

Esse candidato, entre aqueles que têm possibilidades efetivas de vencer, é Mário Covas: um homem confiável, sério, respeitado por todos, com posições claras e equilibradas sobre os problemas nacionais, comprometido efetivamente com as reivindicações populares. O Brasil precisará em 1990 de um presidente que, não apenas tenha a visão dos problemas do país e das respectivas soluções, mas também que seja capaz de promover o grande acordo nacional que permitirá a superação da crise. Para isto, além das qualidades de liderança pessoal, será necessário que esse homem seja confiável para os mais diversos setores da sociedade. Mário Covas é o único candidato viável que preenche esses requisitos.

Sua candidatura tem crescido em todas as prévias eleitorais. E na última semana afinal passou a crescer mais, em termos percentuais, do que a de Lula, que fora o último a crescer. Mas, por enquanto, apesar da queda nas pesquisas, o candidato que apresenta maior probabilidade de ser eleito é Collor de Mello. Não apenas porque ele continua na frente nas pesquisas, mas também porque parece haver uma conspiração da direita e da esquerda a seu favor.

A direita considera-o um dos seus e o apóia cada vez mais declaradamente. Todos sabem que sua candidatura é uma "caixa preta". Que nem seu passado político, nem a sua personalidade atrabiliária, nem sua equipe política permitem qualquer previsão favorável. Entretanto, se não é confiável como presidente e que será capaz de enfrentar a crise brasileira, se a incerteza nesse campo é total, em compensação é confiável ideologicamente, enquanto homem de direita. E por isso merece apoio de um número crescente de empresários.

A esquerda, por sua vez, não se entusiasmou pelo populismo de Brizola. Sua candidatura está em declínio. Lula, porém, continua subindo. Sua campanha é fortemente crítica. Sua sinceridade e sua coragem acabam lhe carreando votos. A reação firme ao medo revelado pelos empresários em relação à sua eleição - medo real embora claramente exagerado - foi outra fonte de novas intenções de voto para ele. Com isso Lula, ao invés de Covas, poderá chegar ao segundo turno para disputar com Collor. Caso isto ocorra, não tenhamos dúvida, suas chances de ser eleito são muito pequenas. Pesquisas já demonstraram que Mário Covas é o único candidato que derrotará Collor no segundo turno. Lula é visto por um amplo setor da sociedade como um radical. Por isso tem o veto ideológico de uma burguesia amedrontada. Esse pode não ser suficiente para impedir que ele chegue ao segundo turno, mas tornará inviável sua vitória no segundo turno. A hegemonia ideológica da burguesia é fonte de um conservadorismo social e político básico que inviabiliza uma vitória do PT a nível nacional.

Os momentos de grande crise são também momentos de radicalização. De respostas irracionais à crise. É dentro desse quadro que a direita e a esquerda estão caminhando, de mãos atadas, para uma candidatura extremamente arriscada do ponto de vista nacional - a candidatura Collor de Mello. Parece uma loucura. Uma grande irresponsabilidade nacional. Nas democracias maduras os presidentes ou os primeiros-ministros eleitos são sempre personalidades previsíveis, que têm atrás de si um partido e uma história pessoal perfeitamente conhecidos. Será que os brasileiros, em um momento crucial como em que vivemos, em meio a uma crise econômica gravíssima, vão optar pela insegurança e o desconhecido, ou a virada de Mário Covas, que já começou, é um sinal de que o bom senso nacional levará à presidência?